

Estratégias de Pesquisa em Estudos Organizacionais: Vinculações Paradigmáticas a partir de *Questões Práticas*

Autoria: Cristina Pereira Vecchio Balsini, Christiane Kleinübing Godoi

Resumo

Este ensaio objetiva analisar as vinculações paradigmáticas das estratégias de pesquisa utilizadas nos estudos organizacionais, tomando como critérios de diferenciação as *questões práticas* propostas por Lincoln e Guba (2000). Buscamos compreender as possibilidades de confluência entre as estratégias de pesquisa teórico-empíricas elegidas (quase-experimental, *survey*, estudo de caso, historiografia, etnografia, *grounded theory* e pesquisa-ação participante) e os paradigmas pós-modernos, propostos por Lincoln e Guba (2003) – positivismo, pós-positivismo, teoria crítica, construtivismo e participacionismo. As sete *questões práticas* foram elegidas por Guba e Lincoln (2000) (axiologia; acomodação e comensurabilidade; ação; controle; fundamentos da verdade; validade; voz, reflexividade e representação textual pós-moderna. Como resultado, pôde-se identificar baixa confluência entre as estratégias vinculadas aos paradigmas considerados quantitativos (positivismo e pós-positivismo) e aquelas vinculadas aos paradigmas qualitativos (teoria crítica, construtivismo e participacionismo).

1 Introdução – sobre as *questões práticas*

Lincoln e Guba (2000) acreditam que as questões descritas a seguir são as *questões práticas* mais controversas, porém as com maior poder de criação de um espaço intelectual, teórico e prático, capazes de gerar diálogo, consenso e confluência. Então, as sete questões apresentadas constituem a base na qual é realizada aqui a vinculação paradigmática entre as estratégias de pesquisa.

A primeira questão é a *axiologia*. Lincoln e Guba (2000) explicam que esta questão prática se mistura com as crenças básicas dos paradigmas, no caso: ontologia, epistemologia e metodologia. Lincoln e Guba (2006) também explicam que a *axiologia* se junta ao processo de investigação nos seguintes sentidos: na escolha do problema; na escolha do esquema teórico; na escolha dos principais métodos de coleta e análise de dados; na escolha do contexto, no tratamento dos valores que já residem dentro do contexto e na escolha do formato de apresentação das descobertas.

A segunda questão refere-se à *acomodação e comensurabilidade*. Em estudos realizados a partir de 1981, a visão de Lincoln e Guba (2006) quanto à comensurabilidade em nível paradigmático não era considerada possível. A comensurabilidade, neste estudo, significa a possibilidade de existir a prática simultânea de diferentes paradigmas, ou diferentes metodologias. Com a reformulação deste pensamento – de ser impossível existir comensurabilidade paradigmática - os autores passam a admitir alguma comensurabilidade, todavia de forma bastante cautelosa, pois, caso os paradigmas possuam axiomas em comum, podem ser comensuráveis por seguirem a mesma tendência e, desse modo, conseguem ajustar-se confortavelmente..

A terceira questão prática é *o apelo à ação*. O apelo à ação é uma das questões que Lincoln e Guba (2006) acreditam existir grande controvérsia paradigmática, e também uma diferença muito evidente entre os paradigmas positivistas e pós-positivistas, e os outros paradigmas. Os pesquisadores adeptos do positivismo vêem o apelo à ação como uma ameaça à objetividade e aos resultados da pesquisa, que podem, a partir do apelo à ação, ficarem contaminados. Existe então um apelo fraco à ação neste paradigma positivista. A questão do apelo à ação pode ser relacionada tanto a transformação interna, quanto à transformação social. A mudança em direção à ação, na visão de alguns teóricos, surgiu para responder ao vasto não aproveitamento das descobertas realizadas em pesquisas.

O *controle* do estudo é a quarta questão prática a ser analisada. Quem inicia o controle? Quem determina os problemas mais importantes? Quem determina o que compõem

as descobertas? Quem determina o modo como os dados serão coletados? Quem determina de que forma as descobertas serão tornadas públicas, ou se é que serão? Quem determina quais são as representações que serão feitas dos participantes da pesquisa? Ou seja, a questão do *controle* está muito ligada à outra questão prática: a questão da *voz, da reflexividade e a questões que envolvem a representação textual pós-moderna*.

A quinta questão prática refere-se aos *fundamentos da verdade e do conhecimento nos paradigmas*. Os autores Lincoln e Guba (2006) explicam esta questão com base no fundacionalismo, antifundacionalismo e não-fundacionalismo. Na visão de Godoi, Bandeira-de-Mello e Silva (2006), o fundacionalismo (ou tradição fundacional da filosofia ocidental) é um período que tem a concepção de que o conhecimento só pode ser considerado verdadeiro se tiver um fundamento absoluto. No segundo período considerado antifundacional (ou relativismo) o conceito de interpretação foi redefinido e o movimento antifundacional não estava em busca da verdade manipulando objetos, nem em obter ou adquirir conhecimento de modo instrumental (GODOI, BANDEIRA-DE-MELLO e SILVA, 2006).

A sexta questão atenta para *ampliação das considerações sobre a validade*. A validade não é como a objetividade, existem razões fundamentais teóricas, filosóficas e pragmáticas que englobam esta questão. A questão da validade, até mesmo nos paradigmas mais atuais, não é uma questão descartada, e é fonte de preocupação por parte destes pesquisadores. Provavelmente a preocupação com a validade é uma herança do positivismo, porém cada paradigma tem seus critérios de legitimação dos dados.

A sétima questão é a *voz, reflexividade e representação textual pós-moderna*. A voz tem significado muitas coisas para diferentes pesquisadores. Os pesquisadores, à medida que adquiriram uma maior consciência das realidades abstratas criadas por seus textos, também passaram a se conscientizar de que os leitores “escutavam” seus informantes, permitindo que esses leitores ouvissem as palavras exatas como sinais paralingüísticos, lapsos, pausas e interrupções dos informantes. A voz na visão de Hertz (1997 apud LINCOLN; GUBA, 2006) tem múltiplas dimensões. A primeira dimensão é a voz do autor. A segunda dimensão é a voz dos entrevistados, de alguém dentro de um texto. A terceira dimensão ocorre quando o eu é o sujeito da investigação. A voz, na visão de Lincoln e Guba (2006), atualmente pode significar não apenas a presença do pesquisador (a voz do pesquisador), mas também a oportunidade dos participantes da pesquisa falarem por si mesmos.

As *representações textuais pós-modernas* possuem duas vertentes inerentes e que necessitam de alerta. Primeiro é o fato do método de pesquisa levar o pesquisador a acreditar que o mundo é bem mais simples do que realmente é e, segundo, que os textos possam reinscrever formas duradouras de opressão histórica. Existe então uma crise. Essa crise criou duas vertentes, a primeira é a que informa que o mundo é de uma maneira, enquanto pode ser de outra, ou de várias outras maneiras. A segunda é a crise de representação, que serve para silenciar aqueles cujas vidas são apropriadas pelas ciências sociais. E que podem servir para recriar este mundo, e não outro talvez mais complexo.

2. A vinculação das estratégias de pesquisa aos paradigmas de acordo com as questões práticas

As estratégias de pesquisa teórico-empíricas analisadas neste estudo foram as seguintes: 1) estudo de caso, 2) pesquisa etnográfica, 3) pesquisa historiográfica, 4) pesquisa-ação participante 5) *grounded theory*, 6) *survey* e 7) pesquisa quase-experimental.

2.1 A questão da Acomodação e Comensurabilidade

Neste estudo utilizaremos para análise a estratégia de estudo de caso qualitativo, e a estratégia de estudo de caso quantitativo separadamente. Ainda Mariz *et al* (2004) confirmam o fato de existir a possível comensurabilidade entre métodos (de coleta e análise) admitida pelos autores Lincoln e Guba (1994, 2006). Grande parte de artigos que utilizaram o estudo de

caso quantitativo e qualitativo fez uso de mais de um método de coleta de dados, sendo que os dois métodos de coleta de dados mais utilizados foram a entrevista e o questionário.

De todas as estratégias utilizadas em estudos organizacionais, além do estudo de caso ser o mais comumente utilizado, é uma estratégia que perpassa o campo qualitativo e o quantitativo, por ser utilizado nestas duas formas. Diante dos paradigmas apresentados, apesar da estratégia de estudo de caso perpassar o campo qualitativo e o quantitativo (ou vice-versa), não é possível considerar uma comensurabilidade do estudo de caso entre todos os paradigmas. Na literatura consultada inexistiu uma ligação do estudo de caso com a transformação social, confirmando a incomensurabilidade desta estratégia com o paradigma participativo. Apesar desta estratégia ser inerentemente qualitativa sua intenção não é a transformação social, ou intervenção.

Godoy (2006) explica que os estudos de caso adotam um enfoque indutivo no processo de coleta e análise de dados. Os pesquisadores tentam obter suas informações a partir das percepções dos autores locais, colocando “em suspenso” suas pré-concepções sobre o tema que está sendo estudado, porém verifica-se que pode ocorrer comensurabilidade quando Godoy (1995) esclarece que ainda que os estudos de caso sejam essencialmente qualitativos, podem comportar dados quantitativos para aclarar algum aspecto de questão investigada. Devido à vasta comensurabilidade entre a estratégia de pesquisa de estudo de caso aos paradigmas, podemos considerar esta estratégia com pouca acomodação, pois ela transita entre os diversos paradigmas de pesquisa, com exceção do participativo, sendo assim uma estratégia de grande “movimento”.

No caso da estratégia etnográfica e da estratégia historiográfica torna-se quase inaceitável uma comensurabilidade entre estas estratégias e os paradigmas positivista e pós-positivista, devido ao fato de serem estratégias intrinsecamente qualitativas e interpretativas e que não utilizam métodos de coleta e análise de dados de cunho quantitativo.

As questões axiomáticas destas duas estratégias entram em desarmonia quando se força existir uma comensurabilidade entre o paradigma positivista e pós-positivista. Parece poder existir comensurabilidade dentre estas duas estratégias e os paradigmas teoria crítica, construtivismo e participativo, inclusive no que tange aos métodos de coleta e análise de dados qualitativos. Porém, não existirá comensurabilidade entre paradigmas quantitativos e métodos de coleta e análise de dados quantitativos. Devido à ausência de comensurabilidade entre paradigmas quantitativos e qualitativos nas estratégias de pesquisa etnográfica e historiográfica considera-se estas duas estratégias em estado de maior acomodação paradigmática, ou seja, existe uma maior dificuldade de transição entre os paradigmas.

A pesquisa-ação é uma estratégia que, tal como o estudo de caso, poderá ser comensurável com alguns paradigmas. Inclusive existem autores como Yin (2003, 2005) e Éden e Huxham (1996, 2001) que consideram a pesquisa-ação como uma variação do estudo de caso, e por este motivo, todas as características do estudo de caso também seriam da estratégia de pesquisa-ação. Porém, tem-se uma consideração diferente neste estudo, já que o estudo de caso se diferencia da pesquisa-ação pelo fato de não se preocupar em intervir na organização, ou no “caso” a ser analisado.

A estratégia de pesquisa *grounded theory* é analisada diante de duas vertentes. A primeira a *grounded theory* de Glaser e Strauss (1965), que englobaremos aqui como sendo também a visão de Strauss e Corbin (1998, 2008). E a segunda a *grounded theory* de Charmaz (1994). Na estratégia de pesquisa da *grounded theory* nota-se alguns procedimentos considerados de análise positivista e construtivista, no entanto estes procedimentos são de origem paradigmática e também de origem metodológica (como fazer) durante o processo de coleta de dados. Explicam Strauss e Corbin (2008) que não se pode ir a campo com posições paradigmáticas pré-determinadas (apesar dos autores saberem que isso influencia a coleta de dados), pois os dados coletados emergem inicialmente de forma qualitativa para, então,

decidir qual será a melhor forma de continuar a coleta, e isso dependerá do que for o mais apropriado naquele momento, ou seja, poderá ser uma coleta de dados através de questionários ou entrevistas. Charmaz (2000) explica que a coleta de dados na estratégia da grounded theory parte-se de casos individuais para desenvolver de forma progressiva categorias conceituais que expliquem e compreendam os dados de forma que identifiquem relações entre eles. Percebe-se que a visão de Charmaz (2000) demonstra um pensamento mais qualitativo e construtivista do que a visão de Strauss e Corbin (2008).

As pesquisas do tipo *survey* e quase-experimentais são comensuráveis somente aos paradigmas positivistas (positivismo e pós-positivismo). Não existe participação destas duas estratégias de pesquisa perante formas qualitativas de pesquisa nem no modo de enxergar a realidade, nem na forma de se coletar e analisar os dados. Percebe-se, então, uma incomensurabilidade das estratégias *survey* e experimental em relação a outros paradigmas considerados mais qualitativos, que existe uma grande acomodação, ou seja, ausência de movimentação entre os paradigmas.

2.2 A questão da Ação.

A ação, ou apelo à ação é uma das questões mais controversas entre os paradigmas e, conseqüentemente, entre as estratégias de pesquisa. O apelo à ação se refere tanto à possibilidade de transformação social quanto à influência que pode existir entre o pesquisador e o pesquisado. Na estratégia de estudo de caso podemos notar um apelo à ação fraco. A estratégia de estudo de caso não tem a intenção de realizar uma mudança social em todos os seus aspectos, porém pode abarcar este tipo de pesquisa, apesar de em estudos organizacionais não existir esta intenção. Como esta estratégia perpassa por quase todo o caminho paradigmático possível neste estudo, não podemos desconsiderar a possibilidade de existir estudos de caso com a intenção de realizar mudanças sociais, mesmo que sejam apenas em forma de estímulo de mudança, mas não de realização. Devido à comensurabilidade do estudo de caso entre paradigmas qualitativos e quantitativos, já explicados na questão prática anterior, caso o pesquisador realize um estudo de caso sob o paradigma positivista ou pós-positivista ele negará o apelo à ação, pois ele busca se defender daquilo que pode ser subjetivo ou transformador. Entretanto, se o pesquisador utilizar paradigmas qualitativos (teoria crítica, construtivismo) poderá ser constatado um espírito transformador, porém sem intervenção social.

A estratégia historiográfica possui uma questão que depende da visão do pesquisador. Thompson (2002) explica que a história oral não é necessariamente um instrumento de mudança, pois isso dependerá da forma que for utilizada. Na visão de Meihy (2002), a “necessidade” da história oral fundamenta-se no sentido de participação social e, por este motivo, tem ligações com a cidadania. Dado o exposto, percebe-se que ao mesmo tempo em que o apelo à ação está, em parte, nas mãos do pesquisador, alguns autores consideram na estratégia historiográfica o dever de ter experiência de participação social.

A estratégia de pesquisa etnográfica tem um forte apelo à ação. Isto talvez seja característico de estratégias inerentemente qualitativas que constroem um longo trabalho de campo, que não negam a subjetividade e que, através dos pesquisados (participantes da pesquisa) e com a ajuda do pesquisador, podem representar as intenções de uma comunidade e até mesmo realizar mudanças sociais. A construção da etnografia, conforme explanam Andion e Serva (2006), é feita *in loco*, a partir do encontro e da relação entre pesquisador e pesquisado, não há, portanto, unilateralidade na relação entre pesquisador e pesquisado, ao contrário, essa relação parece ser constantemente negociada na etnografia. Estas idéias de Andion e Serva (2006) confirmam a influência existente entre pesquisador e pesquisado e também a impossibilidade de existir etnografia sem esta relação.

A pesquisa-ação é a estratégia de pesquisa que possui maior apelo à ação, pois como explana Demo (2004b), a pesquisa participante produz conhecimento politicamente engajado.

Kemmis e McTaggart (2000) complementam explicando que a pesquisa-ação participante é uma estratégia de pesquisa reflexiva, no sentido de engajamento dos participantes em um processo colaborativo de transformação social, no qual eles aprendem e mudam suas formas de engajamento, adotam uma visão emancipatória, focada no desejo compartilhado de transformação social. A pesquisa ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2005). Existe na pesquisa-ação a preocupação em pesquisar, mas ao mesmo tempo, em intervir.

A estratégia *grounded theory*, tal como o estudo de caso, não busca nenhum tipo de transformação social, porém existe grande interação entre pesquisador e o ato da pesquisa de campo (CHARMAZ, 2000). Strauss e Corbin (2008) consideram a relação existente entre o pesquisador e os dados, e não a relação entre o pesquisador e os pesquisados. Além disso, na visão de Strauss e Corbin (2008) e de Glaser e Strauss (1965), o pesquisador deveria ser neutro, mesmo sabendo que a neutralidade é inalcançável, neste caso. Já para Charmaz (2000), a realidade dos sujeitos, para a *grounded theory* só existe à medida que ambos, pesquisador e sujeito, a enxergam.

As estratégias de pesquisa *survey* e experimental, como já explicitado na questão anterior, têm um fraco apelo à ação, até mesmo pela objetividade imposta e inerente a estas estratégias. Babbie (1999) explica que na estratégia de pesquisa *survey* existe a elaboração clara e rigorosa de um modelo lógico, que posteriormente será testado. Nestas estratégias onde reina a objetividade não existe interação entre pesquisador e pesquisado, a interação praticamente inexistente e o pesquisador faz questão de que não ocorra para não influenciar na objetividade dos resultados. Este fato já explica a falta de apelo à ação.

2.3 A questão do Controle

O controle é também uma questão controversa. E que, no entender de Lincoln e Guba (2000), está muito ligada à questão da “voz, reflexividade e representação textual pós-moderna”. Nas pesquisas consideradas tradicionais, a pesquisa fica sempre a cargo dos pesquisadores, pois somente esses possuiriam capacidade de formular os problemas ou de resolvê-los. Desse modo, os resultados da pesquisa ficam reservados aos pesquisadores e a população acaba por desconhecer os resultados e menos ainda a discuti-los (BOTERF, 1999). Logicamente que a questão do controle para o paradigma positivista e pós-positivista é uma preocupação constante, pois está totalmente nas mãos do pesquisador (ou pensa-se que está). Então nas estratégias de estudo de caso (aquelas que advêm de paradigmas positivistas: os estudos de caso quantitativos) o controle encontra-se exclusivamente no pesquisador, pois é ele quem determina os problemas importantes, que determina o que fará parte das descobertas e o modo como os dados serão coletados.

Trez e Matos (2006) explicam que, na maioria dos casos, as pesquisas *surveys* são conduzidas por meio de questionários respondidos pelos pesquisados, e o mesmo ocorre nas pesquisas experimentais. O questionário já é, por si só, um método de coleta de dados que não permite interação entre pesquisador e pesquisado. Freitas (2000) explica que as principais características do método de pesquisa *survey* são o interesse em produzir descrições quantitativas de uma população; e fazer uso de um instrumento predefinido. Tal como explicado anteriormente, e o mesmo ocorre com a estratégia experimental. A decisão do que será pesquisado e quais as características que serão descritas são definidos anteriormente.

Na estratégia quase-experimental os critérios da pesquisa derivam das pressuposições do pesquisador e das teorias, e têm a necessidade de operacionalizar conceitos de tal modo que eles possam ser medidos, pois acredita-se que a mensuração contribuirá para futuras comparações visando a objetividade (TRIPODI; FELLIN; MEYER, 1981). Por este motivo a estratégia experimental é a estratégia que possui maior exigência de controle por parte do

pesquisador. Complementando com a explicação de Black (1999) que ressalta que o pesquisador, em estudos experimentais, precisa construir o estudo de tal forma que isole as variáveis que não são de interesse da pesquisa, pois elas precisam ser controladas para não influenciarem nos resultados.

As estratégias de pesquisa historiográficas e etnográficas têm a questão do controle de forma compartilhada entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. A rigor são os próprios sujeitos sociais que interpretam em primeira mão a sua cultura ou sua história. O controle não se encontra somente nas mãos do pesquisador. O mesmo ocorre na estratégia de *grounded theory*. Porém, na visão de Strauss e Corbin (2008) existe uma maior preocupação quanto ao controle, até mesmo por sua visão paradigmática mais positivista. Strauss e Corbin (2008) explicam que “é a análise que conduz a coleta de dados” esse é o processo que se faz para proceder a *grounded theory*. Porém, todo o processo, inclusive a decisão de se retornar ou não a campo, é uma decisão do pesquisador baseada nos dados analisados.

Charmaz (2000) considera que na *grounded theory* o controle não é compartilhado totalmente com os pesquisados, mas devido à forte interação existente entre o pesquisador e pesquisado, seria impossível afirmar que o controle encontra-se totalmente a cargo do pesquisador, pois confirma-se uma certa relação de dependência entre pesquisador e pesquisado.

A pesquisa-ação é a estratégia que tem o controle “compartilhado em níveis variados”, pois neste caso o controle tem a intenção de promover a emancipação, capacitação, é claro, dependendo do propósito da pesquisa. Demo (2004) defende a idéia de que a pesquisa participante torna-se mais complexa e complicada, quando se exige dela a dimensão completa, ou seja, que produza, ao mesmo tempo, conhecimento e participação.

Repara-se que o controle, do mesmo modo que é preocupante para as estratégias mais positivistas (experimental, *survey* e estudo de caso quantitativo) porque está totalmente no domínio do pesquisador, também se torna ponto de preocupação, por exemplo, para a estratégia de pesquisa-ação, pois, ao invés do controle estar na posse do pesquisador, passa a se encontrar nas mãos dos pesquisados.

2.4 A questão dos Fundamentos da Verdade do Conhecimento

A questão dos fundamentos da verdade e do conhecimento será explicada com base nos conceitos de fundacionalismo, fundacionalismo dentro da crítica social, antifundacionalismo e não-fundacionalismo. As estratégias de pesquisa de estudo de caso quantitativo, estratégia de pesquisa *survey* e estratégia de pesquisa experimental enquadram-se nos critérios do fundacionalismo, que são considerados positivistas ou pós-positivistas. Os fundacionalistas se fundamentam na dominação do objeto e na manipulação dele, acreditando que, para existir o conhecimento, e este ser considerado verdadeiro, e existir um fundamento absoluto (GODOI, BANDEIRA-DE-MELLO; SILVA, 2006)

Babbie (1999) explica que as *surveys* são frequentemente realizadas para permitir enunciados descritivos, sobre alguma população, isto é, descobrir a distribuição de certos traços e atributos. Nestes, o pesquisador não se preocupa com o porquê da distribuição observada existir, mas com o que ela é.

Já a estratégia de pesquisa *grounded theory* de Strauss e Corbin (2008) é considerada fundacionalista, por manter-se no paradigma pós-positivista, por basear-se em uma metodologia objetificadora na visão de Godoi, Bandeira-de-Mello e Silva (2006). Porém, a estratégia da *grounded theory* na visão de Charmaz (2000) é provavelmente antifundacionalista, pois busca interpretações de modo diferente dos fundacionalistas, interpretações a partir de padrões que podem ser modificados, e não de verdades absolutas e invariáveis.

As estratégias historiográfica e etnográfica buscam interpretações diferenciadas daquelas que pregam o fundacionalismo, onde a verdade é absoluta. Podemos situá-las

também no antifundacionalismo em conjunto com a *grounded theory* (Glaser). Pois a construção do conhecimento em etnografia é feita *in loco*, a partir do encontro e da relação entre pesquisador e pesquisado (ANDION e SERVA, 2006).

A pesquisa-ação, por seu caráter emancipatório, considerou-se não-fundacionalista e antifundacionalista. Os critérios para o estabelecimento de uma verdade são descobertos, mas também negociados entre o pesquisador e pesquisados. Gianotten e Wit (1999) explicam que a pesquisa participante se situa entre as correntes das ciências sociais que rejeitam a chamada neutralidade científica e partem do princípio de que a investigação deve servir a determinados fatores sociais, buscando uma resposta coerente que permita, por um lado, socializar o conhecimento e por outro, democratizar os processos de investigação e educação.

A estratégia de estudo de caso qualitativo pode confluir entre o fundacionalismo dentro da crítica social e antifundacionalismo. Alguns estudos de caso são quali-quantitativos, ou qualitativos sem grande profundidade, apenas buscando a descrição. Então, nestes casos, estariam situados no paradigma da teoria crítica (fundacionalista dentro da crítica social). E, em outra perspectiva, podem ser antifundacionistas, quando são essencialmente qualitativos, desde a escolha do paradigma até os métodos de coleta e análise de dados.

Na estratégia de pesquisa etnográfica, como já foi explicado anteriormente, não existe unilateralidade na relação entre o pesquisador e pesquisado. Ao contrário, a relação é constantemente negociada na etnografia. Desta forma, a etnografia se configura na comunicação, e temos que aprender a nos relacionar, a respeitar, inclusive a amarmos, e a compreender (CÁCERES, 1998, p. 347). Concordando com este tipo de validação, Rocha, Barros e Pereira (2005, p. 123) consideram a investigação realizada por dentro da realidade do grupo estudado, um traço deveras importante na investigação etnográfica. Neste caso, o conhecimento científico seria gerado do ponto de vista do outro. Se o conhecimento é gerado do ponto de vista do outro podemos situar esta estratégia no que Lincoln e Guba (2006) consideraram antifundacionalismo.

2.5 A questão da *Ampliação das Considerações sobre a Validade*

As considerações sobre a validade ocorrem em dois pontos distintos. O primeiro é o rigor defendido pelos positivistas na qual a validade depende da objetividade dos resultados. E o segundo é o conjunto de verdades que ocorrem no contexto entre o que foi pesquisado e a sua interpretação. A validação no caso da etnografia e em todas as estratégias (até mesmo as quantitativas) situa-se na interpretação. Nas estratégias qualitativas, como estudo de caso qualitativo, historiografia, etnografia e pesquisa-ação justifica-se a questão da validade diante do segundo ponto demonstrado acima, na questão da interpretação. Apesar de que, para Stake (2000), o questionamento da validade em pesquisas qualitativas não tem sentido e na visão de Lang (1996), além da comprovação da veracidade não ser primordial, identificar e qualificar as diferentes versões sobre fatos ou processos irá piorar sua riqueza, mais do que verificar a veracidade do relato (no caso da estratégia historiográfica).

Ocorre então que, para uma interpretação ser válida deveria realmente demonstrar a realidade daqueles que foram pesquisados. Desta forma a validação se completa se houver troca de informações entre o pesquisador e o pesquisado. É preciso existir um retorno ao campo, para encontrar novamente aqueles pesquisados visando confirmar o que foi interpretado. Godoy (2006) explana que, para uma pesquisa qualitativa ser internamente válida, suas conclusões devem estar apoiadas nos dados. A validade interna é julgada considerando-se até que ponto a descrição oferecida pelo pesquisador está de acordo, ou seja, representa os dados coletados.

Sabe-se que a constatação de Godoy (2006) é bastante subjetiva e ressalta-se que não pode ser esquecido, no contexto da interpretação, a experiência e qualidades do pesquisador. Na maior parte das estratégias de pesquisa qualitativas leva-se em conta esta constatação. Alguns autores comentam que o pesquisador precisa ter habilidade para realizar entrevista,

como no caso da estratégia historiográfica e também precisam ter algumas qualidades como resistir à tentação de discordar ou de lhe impor suas próprias idéias, pois caso ele não tenha experiência poderá obter informações que, ou são inúteis, ou enganosas (THOMPSON, 2002). Essas qualidades garantiriam a validade dos dados coletados.

Cáceres (1998, p. 350) explica que o etnógrafo requer tempo para sua formação, e só melhorará tecnicamente com o passar dos anos, por meio da experiência. Na opinião de Cáceres (1998), o investigador é o centro de tudo e sua formação depende do todo, a diferença entre um novato e um experiente é enorme e muitas vezes definitiva, pois a percepção é o coração do trabalho etnográfico. Outro ponto não pode ser ignorado (CAVEDON, 1999) pelo etnógrafo: a sensibilidade, a empatia que deve estabelecer-se entre pesquisador e pesquisados. A riqueza ou pobreza dos dados coletados sofre uma influência muito grande desses aspectos tipicamente humanos. Além disso, a qualidade dos dados está profundamente relacionada com a capacidade do etnógrafo de ouvir e compreender o outro com base na emoção. O reconhecimento e a validade dos resultados da estratégia etnográfica ainda possuem um papel incerto e muitas vezes questionado. Para Hammersley e Atkinson (1994) a prova crucial para a veracidade das informações na etnografia está fundamentada nos próprios atores (os pesquisados), cujas crenças e comportamentos se pretendem conhecer. Se os atores reconhecem a validade das descrições realizadas pelo etnógrafo, a veracidade estaria comprovada. Sendo assim, o propósito da validade na etnografia está inserido no estabelecimento de uma ligação de veracidade entre o objeto de estudo e o investigador etnográfico. Então, as estratégias de pesquisa-ação, historiográfica, etnográfica e estudo de caso qualitativo possuem validade voltada para interpretação dos dados coletados e esta interpretação é realizada, no entender de Andion e Serva (2006), no contexto da relação entre pesquisador e pesquisado. Na estratégia de pesquisa historiográfica a evidência pode ser constatada através da comparação ao material de outras fontes (THOMPSON, 2002; LANG, 1996).

No entender de Thiollent (2005), um grande desafio metodológico da estratégia de pesquisa-ação consiste em fundamentar a inserção da pesquisa ação dentro de uma perspectiva de investigação científica, concebida de modo aberto e na qual “ciência” não seja sinônimo de “positivismo”, “funcionalismo” ou de outros “rótulos”. Eden e Huxham (2001) também explicam esta dificuldade que consideram ocorrer pela falta de replicabilidade decorrente da falta de rigor. Porém, Demo (2004) contradiz esta abordagem explicando que a estratégia de pesquisa-ação não despreza a metodologia científica em nenhum momento no sentido dos “rigores metódicos, controle intersubjetivo, discutibilidade aberta e irrestrita”. No caso da pesquisa-ação, a validade contém uma ligação com a questão do “apelo à ação” na sugestão de Lincoln e Guba (2006) (ver quadro 1). Na questão do apelo à ação a estratégia de pesquisa-ação situou-se no paradigma participativo por ser a estratégia que possui maior apelo à ação, ou seja, maior movimentação do mundo acadêmico para a sociedade, exatamente por esta ser uma estratégia que busca também a intervenção.

As estratégias historiográfica e etnográfica, por serem estratégias que também utilizam a interpretação como forma de validação, podem perpassar todo o campo dos paradigmas qualitativos. As construções da validade para estas duas estratégias são centradas nos pesquisados e na experiência do pesquisador. Por isto percebe-se que estas estratégias podem se permitir participar dos paradigmas construtivista e teoria crítica.

Nas estratégias qualitativas, além da interpretação, a experiência do pesquisador é um critério muito importante para considerar a validade da pesquisa. Nas estratégias inerentemente quantitativas, como a pesquisa *survey*, a estratégia de estudo de caso quantitativo, e a estratégia de pesquisa experimental a validação ocorre de forma objetiva, através da comprovação de hipóteses pré-definidas, com a realização de estatísticas descritivas ou inferenciais, cálculos matemáticos, métodos de coleta de dados pré-definidos,

(como questionários) buscando, desta forma, controlar o ambiente para que ele não influencie nos dados.

Freitas (2000) e Babbie (1999) explicam que os dados obtidos com a realização da estratégia *survey* devem ser analisados por meio de ferramental estatístico para a obtenção das informações desejadas, devendo-se, para tanto, considerar o tipo de análise estatística aplicável às variáveis em estudo, permitindo, assim, o desenvolvimento e teste rigorosos. A testagem, como forma de validação da estratégia *survey*, também é compartilhada por May (2004), que ainda salienta que a abordagem rigorosa da estratégia *survey* visa retirar qualquer viés, tanto quanto possível, e produzir resultados que sejam replicáveis seguindo-se os mesmo métodos. Sem contar a questão da generalização dos dados, que na visão de Godoy (2006) tem sido a regra orientadora das pesquisas desenvolvidas nas tradições do método quantitativo.

Ichikawa e Santos (2001), tal como apresentado nas outras estratégias qualitativas, também ressaltam a importância da sensibilidade do pesquisador como um instrumento de validade, quando explanam que, para comparar grupos e gerar teoria, o pesquisador deve utilizar a sua sensibilidade teórica (*theoretical sensivity*). Essa sensibilidade tende a aumentar com a experiência do pesquisador.

Strauss e Corbin (1998 *apud* BANDEIRA-DE-MELLO e CUNHA, 2006) propõem que uma teoria substantiva deve ter algumas características, dentre elas: coerência com a realidade dos indivíduos e grau de generalização para explicar variações da ocorrência do fenômeno. Essas duas características também não deixam de ser formas de validar a teoria substantiva obtida. Bandeira-de-Mello e Cunha (2003) explicam que, de forma diferente de outros métodos subjetivistas, os procedimentos de análise do método *grounded theory* tem a intenção de tornar os resultados os mais objetivos possíveis, “tanto do ponto de vista teórico, para que tenham possibilidade de generalização do fenômeno explicado, como do ponto de vista metodológico, para que possam sofrer posterior escrutínio público sobre o processo de pesquisa utilizado”. Na opinião do autor isto não significa estar compartilhando do positivismo, pois, o que deve ser contestado é o processo de pesquisa e o nível de fundamentação empírica e não se os resultados são a única explicação da realidade.

2.6 A questão da Voz, Reflexividade e Representações textuais pós-modernas.

À questão da voz é preciso esclarecer o fato de que todo o tipo de estratégia de pesquisa, sejam estas quantitativas ou qualitativas, possuem, ao menos, a voz do pesquisador. Mesmo que, em estratégias quantitativas, a voz talvez seja mais sutilmente notada do que o texto, ainda assim ela existe. Na estratégia de pesquisa etnográfica a voz dos pesquisados tende a ter maior amplitude do que a voz do pesquisador. Percebe-se que os pesquisados notam a disseminação de sua voz quando Cavedon (1999) expõe a seguinte colocação: ao contrário do que muitos pesquisadores pensam, os informantes, ao terem consciência da diferença de mundo que os separa, tendem a usar esse último como um meio através do qual suas reivindicações possam vir a ser encaminhadas. A reflexividade na estratégia etnográfica e historiográfica é uma questão que se parece com o conceito do paradigma fenomenológico no qual deve-se, ao menos tentar nos abstermos de todos os nossos conceitos e de todos os nossos pré-conceitos diante da realidade, para que possamos enxergar a realidade nos olhos do outro. Diante disso, pode-se verificar que nestas duas estratégias de pesquisa a reflexividade pré-dispõe que o pesquisador esqueça de si mesmo. Os textos ou diários de campo do etnógrafo e do historiador são as vozes dos pesquisados e o pesquisador procura descrever com detalhes as vozes dos pesquisados.

A investigação é feita dentro da realidade de um grupo, sendo o conhecimento científico gerado a partir do ponto de vista do outro (ROCHA, BARROS; PEREIRA, 2005). No mesmo sentido, Cáceres (1998, p. 351) considerou o trabalho etnográfico como fenomenológico, mas configurado hermeneuticamente. Hammersley e Atkinson (1994)

explicam que o trabalho do diário de campo, realizado pelo etnógrafo, assume a forma de descrições e explicações verbais (HAMMERSLEY; ATKINSON, 1994) e Cáceres (1998, p. 351) sugere o uso de tecnologias que propiciem um melhor registro de campo, dentre elas a fotografia, o vídeo e o gravador.

O fazer etnografia implica em ir a campo com uma bagagem teórica, entretanto totalmente desprovido de preconceitos vivendo a realidade da comunidade investigada através da observação participante com todos os sentidos à flor da pele (CAVEDON, 2001, p. 2). Desta experiência, tudo é relatado, em detalhes, no diário de campo ou registro de campo, local onde são anotados minuciosamente todos os acontecimentos. Em princípio a etnografia é um ofício de descrição. “Descrição densa” no explanar de Cavedon (2001). Para tanto a etnografia tem se utilizado de outros instrumentos para coletar dados, e também para melhor apresentar seus resultados. Além da observação participante e das entrevistas o uso da tecnologia em etnografia já foi citado por Cáceres em 1998, mas também está sendo utilizado na academia, como relata Cavedon (2001, p. 1) com o uso da antropologia visual.

Thiollent (2005) explica que os pesquisados, na estratégia de pesquisa-ação, têm algo a “dizer” e a “fazer”. Não é apenas um simples levantamento de dados ou de relatórios. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo. Então se nota que, nesta constatação de Thiollent (2005), na pesquisa-ação a voz é tanto do pesquisador quanto do pesquisado, existindo uma mistura de vozes entre eles. A reflexividade é considerada problemática, pois o envolvimento com o grupo, ou organização estudada, é muito forte e isso possibilita uma dificuldade, devido ao excesso de envolvimento, que também pode ser maléfico. Porém, ao mesmo tempo em que isso ocorre (e deve ocorrer na pesquisa-ação) o pesquisador e o pesquisado realizam o seu movimento em busca da mudança (intervenção).

Kemmis e McTaggart (2000) expõem que a estratégia de pesquisa-ação envolve a busca do ponto de vista de cada participante. Ela é, portanto, uma estratégia de pesquisa reflexiva, no sentido de engajamento dos participantes em um processo colaborativo de transformação social.

Na estratégia historiográfica as histórias pessoais ganham alcance social na medida da inscrição de cada pessoa nos grupos mais amplos que as explicam (MEIHY, 2002). Assim percebe-se que a voz dos participantes da estratégia historiográfica emergem de forma mais ampla do que a história individual, na qual normalmente é realizada. A voz dos participantes, nesta estratégia, tende a ser mais alta do que a do próprio pesquisador. Devido à estratégia historiográfica ter servido como um meio para recriar a história de grupos sociais marginalizadas como os negros, as mulheres e os trabalhadores (FERREIRA, 2005) acredita-se que exista uma reflexividade mais forte por parte do pesquisador no que se refere ao ser humano como instrumento que pode ser mutável no campo da pesquisa. Essa reflexividade pode ser visível quando o próprio pesquisador se comove diante do pesquisado e passa a refletir sobre sua própria condição e sobre a condição do outro. Na estratégia historiográfica as representações textuais podem ocorrer desde a forma de gravações e transcrições literais de entrevistas até fotos, cartas, diários e filmes (FREITAS, 2002).

Na estratégia de estudo de caso qualitativo os pesquisadores tentam obter suas informações a partir das percepções dos autores locais, colocando “em suspenso” suas pré-concepções sobre o tema que está sendo estudado (GODOY, 2006) O objetivo então é ouvir a voz daqueles que estão sendo pesquisados, e não a voz do pesquisador. O mesmo não ocorre no caso dos estudos de caso quantitativos, no qual o pesquisador, por estar no *controle*, assume a voz principal. Por este motivo ocorre pouca reflexividade, ou seja, percebe-se uma relação insuficiente entre o pesquisador ou entre o pesquisado, para ser considerada reflexividade.

Na estratégia da *grounded theory*, apesar do pesquisador se manter no controle da pesquisa, a voz que emerge é a voz tanto dos pesquisados quanto do pesquisador. Essa é a

visão de Strauss e Corbin (2008) e Charmaz (2000) que ainda afirma que (*apud* BANDEIRA-DE-MELLO; CUNHA, 2006, p. 255), “o pesquisador compõe a estória. Ela reflete o observador bem como os observados”. A reflexividade ocorre pelo mesmo motivo que a voz, já explicado anteriormente, mas não no sentido do pesquisador abster-se de seus conceitos para tal. Quanto às representações textuais podem ocorrer de forma que “o leitor transcenda às complexidades de uma teoria e entre no mundo dos sujeitos, enxergue o mundo pelos olhos deles” ou também de forma mais estruturada, sob a forma de proposições (BANDEIRA-DE-MELLO; CUNHA, 2003, p. 264).

As estratégias de pesquisa survey e experimental adotam a voz do pesquisador como voz principal de suas pesquisas. Mesmo quando se busca identificar percepções, são as percepções pré-determinadas pelos pesquisadores. As representações textuais ocorrem em forma de gráficos, tabelas planilhas, formas utilizadas constantemente em estudos de paradigmas positivistas.

Após justificar teoricamente a alocação das estratégias de pesquisa, temos o resultado da vinculação das estratégias aos paradigmas. A alocação da estratégia em cada paradigma resultou da análise dos dados teóricos descritos das questões práticas.

Questão	Positivismo	Pós-positivismo	Teoria Crítica e outros	Construtivismo	Participativo
Acomodação e comensurabilidade	Estudo de caso quantitativo <i>Survey</i> Pesquisa Quase-Experimental <i>Grounded Theory</i> (Strauss e Corbin)		Estudo de caso qualitativo <i>Grounded Theory</i> (Charmaz) Historiográfica Etnografia Pesquisa-ação participante		
Ação	<i>Survey</i> Quase-Experimental Estudo de caso quantitativo <i>Grounded Theory</i> (Strauss e Corbin)		Estudo de caso qualitativo Etnografia	<i>Grounded Theory</i> (Charmaz) Pesquisa-ação Historiográfica	
Controle	Estudo de caso quantitativo <i>Survey</i> Quase-Experimental <i>Grounded Theory</i> (Strauss e Corbin)			Historiográfica Etnografia <i>Grounded Theory</i> (Charmaz)	Pesquisa-ação
Atuação com os fundamentos da verdade e do	Estudo de caso quantitativo <i>Survey</i> Quase-Experimental <i>Grounded Theory</i> (Strauss e Corbin)		Estudo de caso qualitativo	<i>Grounded Theory</i> (Charmaz) Historiográfica Etnografia Estudo de caso qualitativo	Pesquisa-ação
considerações sobre a validade (critérios da	Estudo de caso quantitativo. <i>Survey</i> Quase-Experimental <i>Grounded Theory</i> (Strauss e Corbin)		Estudo de caso qualitativo Historiográfica Etnografia	Historiográfica Etnografia <i>Grounded Theory</i> (Charmaz)	Pesquisa-ação

voz, reflexividade, representações textuais	Estudo de caso quantitativo <i>Survey</i> Quase-Experimental <i>Grounded Theory</i> (Strauss e Corbin)	Estudo de caso qualitativo	Historiográfica Etnográfica <i>Grounded Theory</i> (Charmaz) Pesquisa-ação	Pesquisa-ação
---	---	-------------------------------	--	---------------

Quadro 1- A vinculação das estratégias de pesquisa aos paradigmas

A estratégia de estudo de caso foi a que apresentou maior confluência entre os paradigmas analisados, sendo possível à utilização desta estratégia nos paradigmas positivista, pós-positivista, teoria crítica e construtivismo. Porém cabe ressaltar que o estudo de caso é uma estratégia, a princípio, qualitativa, e uma de suas características no entender de Merriam (1998) é a heurística.

Na estratégia etnográfica notou-se ligação entre os paradigmas considerados qualitativos, ou seja, e possível haver confluência entre a teoria crítica, construtivismo e participativo. Cáceres (1998, p. 351) considera a estratégia etnográfica muito parecida com a fenomenologia. Para o autor o trabalho etnográfico segue sendo fenomenológico, mas se configura hermeneuticamente. Já Hammersley e Atkinson (1994, p. 17) consideram que a estratégia etnográfica tem tendência naturalística.

À estratégia de pesquisa historiográfica vinculou-se os paradigmas teoria crítica e construtivismo. Ferreira e Amado (2005), consideram a parte central desta estratégia o subjetivo da experiência humana e explicam que esta estratégia é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, questões. Por este motivo ela é considerada muitas vezes uma pesquisa de segunda classe, pois vai contra os princípios do quantitativismo.

A *grounded theory*, apesar de ter suas origens no interacionismo simbólico (BANDEIRA-DE-MELLO e CUNHA, 2006), que segundo Schawndt (1994) situa-se no paradigma interpretativista. Na *grounded theory* proposta por Strauss e Corbin (2008) considerou-se uma associação ao paradigma pós-positivista nas questões práticas analisadas. O interacionismo simbólico, na visão de Mendonça (2001), refere-se ao caráter interpretativo peculiar dos seres humanos e, através da visão de Charmaz (2000), foi possível associar a *grounded theory* ao paradigma qualitativo construtivista.

Na estratégia de pesquisa-ação, considerou-se uma confluência entre os paradigmas construtivista e participativo. Pois a pesquisa-ação, na visão de Macke (2006), é definida como uma estratégia de condução de pesquisa qualitativa voltada para a busca de solução coletiva a determinada situação-problema, dentro de um processo de mudança planejada. Então, repara-se nesta definição que a pesquisa-ação tem forte ligação com a pesquisa qualitativa e com a mudança.

As estratégias de pesquisa experimental e *survey* confluíram apenas entre os paradigmas quantitativos, positivismo e pós-positivismo, não se verificou possibilidade de confluência com os paradigmas qualitativos. As *surveys* têm sua origem na tradição positivista (MAY, 2004).

3. Considerações Finais

A abordagem de análise baseada na concepção de paradigmas invadiu os estudos organizacionais e continua exercendo influência, tanto na legitimação de determinados conteúdos e perspectivas, como na própria institucionalização desta área de conhecimento (CABRAL, 1998). Portanto, foi preciso reconhecer os paradigmas utilizados em estudos organizacionais. A constatação, ou pelo menos, o discurso mais comum dentro da área de estudo dos paradigmas utilizados em estudos organizacionais, embasa-se na dicotomia entre o

qualitativo e o quantitativo, ou, na visão de Carrieri e Luz (1998), entre o positivismo e o anti-positivismo.

Apesar de a tendência atual estar voltada para o uso de estratégias qualitativas de investigação (HAMMERSLEY e ATKINSON, 1994, p. 15), existe ainda uma hegemonia positivista muito forte em estudos organizacionais. A hegemonia é tão aparente que até mesmo para se utilizar estratégias qualitativas de investigação os pesquisadores sentem a obrigação de empregarem os mesmos critérios de cientificidade do positivismo (buscando formas de rigor, validade).

Ao identificar as possibilidades de confluência paradigmática entre as estratégias de pesquisa empíricas utilizadas em estudos organizacionais. Observou-se nos resultados da vinculação das estratégias às questões práticas, e também, na vinculação aos paradigmas, que existem poucas possibilidades de confluência paradigmática entre as estratégias de pesquisa.

A estratégia de pesquisa de estudo de caso teve o maior poder de confluência entre os paradigmas analisados. A análise das questões práticas pré-definiu a vinculação paradigmática final. Portanto, percebeu-se que a estratégia de estudo de caso teve maior confluência porque, apesar desta estratégia ser inerentemente qualitativa, em estudos organizacionais ela é também utilizada sob os preceitos do paradigma positivista. Percebe-se aqui que, além desta estratégia de pesquisa ser a mais utilizada em estudos organizacionais, adquiriu um formato diferente daquele para o qual ela foi criada. Ou seja, com o “uso” no estudo das organizações ela foi adaptada aos objetivos dos pesquisadores.

Este fato gera alguma esperança de confluência paradigmática futura entre outras estratégias de pesquisa que ainda são pouco utilizadas. Não que a utilização desta estratégia (ou de outra) seja considerada certa ou errada de acordo com suas origens, pois sabemos que neste campo existem muitas críticas. A criação, por parte dos pesquisadores das organizações, de formas autênticas de se pesquisar envolve a interdisciplinaridade e objetivos dos pesquisadores diante de seus problemas, e o estudo de caso é um bom exemplo de que este desenvolvimento é possível.

Entretanto, Lincoln e Guba (2006) ainda têm esperanças de que os adeptos ao positivismo e aos novos paradigmas possam solucionar as suas diferenças, de modo que todos os cientistas sociais trabalhem dentro de um discurso comum. Portanto, após realizar uma reflexão acerca da vinculação paradigmática das estratégias de pesquisa, percebeu-se pouca confluência entre os paradigmas, ou, ao menos, uma confluência menor do que a esperada.

4. Referências

- ANDION, Carolina; SERVA, Maurício. A etnografia e os estudos organizacionais. In: GODOI, Christiane K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A.B. *Pesquisa Qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006.
- BABBIE, Earl. *Métodos de Pesquisas de Survey*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; CUNHA, Cristiano José Castro de Almeida. Operacionalizando o método da *grounded theory* nas pesquisas em estratégia: técnicas e procedimentos de análise com apoio do software Atlas/ti. In: ENCONTRO DE ESTUDOS EM ESTRATÉGIA. 1, 2003, Curitiba, *Anais...* Curitiba: ANPAD, 2003.
- CÁCERES, L. J. G. (coord.) *Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación*. México: Prentice Hall, 1998.
- CARRIERI, Alexandre de P; LUZ, Talita R da. Paradigmas e metodologias: não existe pecado do lado de baixo do equador. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 22., 1998, Foz do Iguaçu. *Anais...* Foz do Iguaçu: ANPAD, 1998. 1CD-ROM.
- CAVEDON, Neusa R. O método etnográfico em estudos sobre a cultura organizacional: implicações positivas e negativas. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO

- NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 23., 1999, Foz do Iguaçu. *Anais*. Foz do Iguaçu: ANPAD, 1999. 1CD-ROM.
- CAVEDON, Neusa R. Recursos metodológicos e formas alternativas no desenvolvimento e na apresentação de pesquisas em administração. *In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 25.*, 2001, Campinas. *Anais*. Campinas: ANPAD, 2001. 1CD-ROM.
- CHARMAZ, Kathy. Grounded theory: objectivism and constructivist methods. *In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage, 2000.
- COLE, Ardra L.; KNOWLES, J.Gary. *Lives in context: the art of life history research*. New York: Altamira, 2001.
- CRESWELL, John W. *Research design: qualitative & quantitative approaches*. 2 ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2003.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa e construção de conhecimento*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage, 1994.
- DENZIN, Norman K. The seventh moment: qualitative inquiry and practices of more radical. *Journal of Consumer Research*, v.28, n.2, p. 324-330, 2001.
- EDEN, Colin; HUXHAM, Chris. Action research for the study of organization. *In: In: CLEGG, Stewart . R; HARDY, Cynthia.; NORD, Walter. R. Handbook of organizational studies*. London: Sage, 1996.
- EDEN, Colin; HUXHAM, Chris. Pesquisa-ação no estudo das organizações *In: CLEGG, Stewart . R; HARDY, Cynthia.; NORD, Walter. R. Handbook de estudos organizacionais*, v. 2. São Paulo: Atlas, 2001.
- FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). *Usos & abusos da história oral*. 6.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- FREITAS, Henrique; OLIVEIRA, Mirian; SACCOL, Amarolinda Zanela; MOSCAROLA, Jean.. O método de pesquisa survey. *Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n.3, p. 105-112, 2000.
- FREITAS, Sônia M. de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2002.
- GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L. Discovery of substantive theory: a basic strategy underlying qualitative research. *The American Behavioral*, v.8, n.6, 1965.
- GODOI, Christiane Kleinübing.;BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa da. (Orgs.) *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006.
- GODOI, Christiane Kleinübing ; BALSINI, Cristina Pereira Vecchio. A pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica. *In: GODOI, Christiane Kleinübing;BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa da. (Orgs.) Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006.
- GODOY, Arilda. A pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995a.
- GODOY, Arilda. A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas. *Revista de Administração de Empresas*, v.35, n.4, p.65-71, 1995a.
- GODOY, Arilda. Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa. *Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, v.3, n.2, p.80-89. 2005b.

- GUBA, Egon G.; LINCOLN, Yvonna S. Competing Paradigms in qualitative research. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage, 1994.
- ICHIKAWA, Elisa. Yoshie.; SANTOS. Apresentando a *grounded theory*: uma nova proposta de abordagem qualitativa na pesquisa organizacional. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 25., 2001, Campinas. *Anais...* Campinas: ANPAD, 2001. 1CD-ROM
- ICHIKAWA, Elisa. Yoshie.; SANTOS, Lucy. Woellner. Vozes da história: Contribuições da história Oral à pesquisa organizacional. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 27., 2003, Atibaia. *Anais*. Atibaia: ANPAD, 2003. 1CD-ROM.
- KEMMIS, Stephen; McTAGGART, Robins. Participatory Action Research. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage, 1994.
- LANG, Alice Beatriz da Silva. Por uma conceituação provisória: história oral, fontes orais, documentos orais, 1996
- LINCOLN, Yvonna S.; GUBA, Egon B. DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Paradigmatic controversies contradictions, and emerging confluences. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage, 1994.
- MACKE, Janaina. A pesquisa-ação como método de intervenção nas organizações: uma aplicação prática. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 26., 2002, Salvador. *Anais*. Salvador: ANPAD, 2002. 1CD-ROM.
- MARIZ, Luiz Alberto; GOULART, Sueli; DOURADO, Débora; Regis, Hélder Pontes. O reinado dos estudos de caso em teoria das organizações: imprecisões e alternativas. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 3., 2004, Atibaia. *Anais*. Atibaia: ANPAD, 2004. 1CD-ROM.
- MAY, Tim. *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. 4.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002
- MENDONÇA, José Ricardo Costa de. Interacionismo simbólico: uma sugestão metodológica para pesquisa em administração. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 24., 2000, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis: ANPAD, 2000. 1CD-ROM.
- MERRIAM, S.B. The design of qualitative research. In: *Qualitative research and case study applications in education*. San Francisco: Allyn and Bacon, 1998.
- MONTEIRO, Plínio R. R.; VEIGA, Ricardo T.; NAZAR, Bernardus F.; DOORNIK, Van. Abordagens epistemológicas em administração: isolamento, hegemonia ortodoxa ou concepção pluralista? . In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 29., 2005, Brasília. *Anais*. Brasília: ANPAD, 2005. 1CD-ROM.
- MORGAN, Gareth; SMIRCICH, Linda. The case for qualitative research. *The Academy of Management Review*, v.5, n.4, p. 491-500, 1980.
- MORGAN, Gareth. Paradigmas metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações. *Revista de Administração de Empresas*, v. 45, n.1, p.58-71, 2005.
- JAIME JUNIOR, P. Um texto, múltiplas interpretações: antropologia hermenêutica e cultura organizacional. In: CAVEDON, Neusa R. LENGLER, Jorge F. B. (Orgs) *Pós modernidade e etnografia nas organizações*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

- ROCHA, Rudimar Antunes; CERETTA, Paulo Sérgio. Pesquisa Qualitativa: um desafio à Ciência Social. . In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 22., 1998, Foz do Iguaçu. *Anais...* Foz do Iguaçu: ANPAD, 1998. 1CD-ROM.
- ROCHA, Everardo; BARROS, Carla; PEREIRA, Claudia. Fronteira e limites: espaços contemporâneos da pesquisa etnográfica. In: CAVEDON, Neusa R. LENGLER, Jorge F. B. (Orgs) *Pós modernidade e etnografia nas organizações*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.
- SALVADOR, Ângelo D. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. 11 ed. Porto Alegre: Sulina, 1986.
- SANTOS, Antonio R. dos. *Metodologia Científica a construção do conhecimento*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- SCHWANDT, Thomas A. Construtivist, interpretivist, approaches to human inquiry. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage, 1994.
- SORIANO, Raúl S. *Manual de pesquisa social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- STABLEIN, Ralph. Dados em estudos organizacionais. In: CLEGG, Stewart . R; HARDY, Cynthia.; NORD, Walter. R. (Orgs.) *Handbook de estudos organizacionais*, v. 2. São Paulo: Atlas, 2001.
- STAKE, R. E. Case Studies. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage, 1994.
- STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet M. *Grounded theory in practice*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1997.
- STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet M. *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory*. 2 ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998.
- STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet M. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- THIOLLENT, Michel Notas para o debate sobre pesquisa ação. In: Brandão, C. R. (Org.), *Repensando a pesquisa participante* (pp. 82-103). São Paulo: Brasiliense, 1999.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-ação*. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- TREZ, Guilherme; MATOS, Celso Augusto. A influência da ordem das questões nos resultados de pesquisas *surveys*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 30., 2006, Salvador. *Anais...* Salvador: ANPAD, 2006. 1CD-ROM.
- TRIPODI, Tony; FELLIN, Phillip; MEYER, Henry. *Análise da pesquisa social*. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1981.
- VALLES, Miguel. S. *Técnicas cualitativas de investigación social: reflexión metodológica y práctica profesional*. Madrid: Editoiral Síntesis, 1997.
- VERGARA, Sylvia C. Estudos Organizacionais: a produção científica brasileira. In: BERTERO, Carlos O ; CALDAS, Miguel P.; WOOD JR (coord.) *Produção científica em administração no Brasil: o estado da arte*. São Paulo: Atlas, 2005.
- ZACCUR, Edwiges. Por que não uma epistemologia da linguagem? In: GARCIA, Regina Leite. (org). *Método Métodos Contramétodo*. São Paulo: Cortez, 2003.
- YIN, Robert K. *Applications of case study research*. 2ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2003.